

100%

BALANÇO

2015 E

PERSPECTIVAS

2016 DA

ECONOMIA

0%

2015



Sistema FIERGS

A economia brasileira em 2015 apresentou intensa deterioração em todos os seus principais indicadores econômicos. A queda projetada de 3,5% e a perspectiva de nova retração em 2016 são os sinais de que estamos em uma das maiores recessões da nossa história. Os elementos que nos levaram a esse abismo vão além do esgotamento de um modelo e o fim de um ciclo de crescimento. A instabilidade política e institucional tem realimentado a incerteza. A consequência é a redução da confiança que afasta os investimentos e retrai o consumo, bem como coloca em questionamento a estabilidade da economia brasileira.

No cenário internacional, a grande decepção ficou por conta dos países emergentes, enquanto os países desenvolvidos corresponderam à expectativa de aceleração moderada do crescimento. A estimativa do Fundo Monetário Internacional (FMI) para a taxa de crescimento econômico do mundo em 2015 (3,1%), caso venha a se confirmar, será a mais baixa desde 2009. A desaceleração já era esperada na China, mas duas importantes nações emergentes entraram em recessões profundas: Rússia e Brasil. Nos países desenvolvidos, a iminência do aumento dos juros nos Estados Unidos representa um sinal de sua robustez, diante da retomada que continuou ao longo do ano, enquanto a Zona do Euro foi beneficiada por um conjunto de diferentes estímulos. Em 2016, as economias em desenvolvimento não devem crescer a taxas maiores, levando à manutenção do ritmo de crescimento mundial, que deve apresentar um avanço semelhante ao registrado esse ano.

Portanto, a turbulência atual não pode ser atribuída ao cenário internacional. Diferentemente do que ocorreu no passado recente, o Brasil não foi atingido por uma crise externa: desta vez a causa é interna. Diante desse quadro, a diminuição do emprego formal tende a ser a sua pior dimensão, pois a expansão do mercado de trabalho foi a base para uma série de melhorias na sociedade brasileira. Nesse sentido, a taxa de desemprego cresceu de maneira consistente ao longo de 2015. No acumulado do ano até setembro foram destruídos 1,2 milhão de postos de trabalho, número que tende a aumentar em 2016, uma vez que a análise da conjuntura revela que não há um vetor de crescimento que possa puxar a recuperação da economia no curto prazo.

A situação da indústria também se deteriorou intensamente em 2015, muito além do cenário projetado no final do ano passado. **A queda esperada para esse ano é de 7,0% para a indústria brasileira e de 9,1% para a gaúcha.** Além das taxas recordes, a combinação da ociosidade do parque fabril e o menor nível histórico na confiança dos empresários desencadeou um processo intenso de demissões. Vale lembrar que a indústria de transformação, nos últimos anos, mesmo com grandes dificuldades de competir no mercado doméstico, procurou reter seus quadros, diante da baixa oferta de mão de obra do País, absorvida pelos setores mais dinâmicos como o Comércio, a Construção civil e os Serviços. Contudo, a falta de perspectiva de retomada e diante de um aumento nas dificuldades financeiras, muitas empresas do setor ficaram sem alternativas, a não ser readequar o seu tamanho à nova realidade do mercado. Por outro lado, a elevada ociosidade do parque industrial e a maior disponibilidade de trabalhadores qualificados deixa o setor numa posição de prontidão e à espera de uma melhora na confiança dos agentes para iniciar um processo de retomada.

Para 2016, muito dos elementos que fizeram parte da conjuntura econômica de 2015 continuarão presentes. Assim, permaneceremos com uma recessão disseminada entre os setores da economia. A retração na demanda interna tende a acompanhar o desempenho no mercado de trabalho e a perda do poder de compra proporcionada pela inflação elevada. Prevalecerão as dificuldades de cobrir os *déficits* das contas públicas, bem como as pressões por aumentos de impostos. O processo de piora ainda não chegou ao final e a saída rápida, observada em crises

recentes, não deve se repetir, pois o setor público não tem espaço orçamentário para políticas anticíclicas.

No Rio Grande do Sul, o aumento do ICMS terá impactos sobre a economia, principalmente através da redução do consumo e do nível de atividade da indústria e do comércio. Na indústria gaúcha, há algumas atividades que podem se beneficiar da taxa de câmbio mais desvalorizada, contudo isso não será suficiente para alavancar o desempenho do segmento. No caso do setor primário, a expectativa é de uma queda na produção, mas isso não significa uma quebra de safra, apenas que as condições de produtividade estarão piores do que aquelas encontradas em 2015. Portanto, diferentemente do que tivemos neste ano, espera-se que em 2016 a queda no PIB do RS seja maior do que a registrada no Brasil. O fato mais preocupante é que o RS ingressará no terceiro ano consecutivo de retração da sua economia.

Os cenários para 2016 foram construídos tendo como base a expectativa de uma crise crônica e longa com muita instabilidade política. Essa agenda continuará sendo dominante sobre a econômica. No **cenário base**, a tendência é que a economia brasileira amenize o ritmo de queda, na medida em que a atividade atingiu mínimas históricas. A recessão permanece na maior parte do ano, mas a **previsão de retração de 2,5% no PIB** é menos intensa na comparação com 2015 (-3,5%). Nesse cenário, o consumo das famílias tende a manter a trajetória de queda, acompanhando o aumento do desemprego e a retração na renda real. Além disso, em períodos de crise fiscal, dada a forte rigidez imposta sobre o orçamento público, os investimentos são ainda mais penalizados.

No caso do **Rio Grande do Sul**, o cenário base contempla a recessão que tende a se intensificar em todos os setores. **A queda projetada de 2,8% do PIB em 2015 deve se acelerar para 3,0% em 2016.** A Agricultura colherá uma safra boa (perto da recorde), mas insuficiente para impulsionar o crescimento do PIB. Em termos setoriais, a Indústria metalmeccânica ainda sofrerá com a queda nos investimentos, crédito mais restrito e caro. Por outro lado, Alimentos e Couro e Calçados conseguem se beneficiar mais intensamente da desvalorização cambial e tendem a cair menos. Pelo lado do consumo das famílias, mesmo considerando que essa variável aqui tende a ser um pouco mais rígida do que a média do Brasil, por conta do peso do setor público e transferências previdenciárias, o aumento do ICMS terá impactos negativos sobre o desempenho econômico. Além disso, a parada da atividade do setor público estadual e o risco de atraso de salários do funcionalismo estadual deverão permanecer para 2016.

No **cenário superior**, uma recuperação em nível nacional pode começar lentamente e a retomada mais forte da atividade no segundo semestre indica um resultado de estagnação para o ano que vem. Dentro desse melhor cenário, o RS apresentaria uma leve redução favorecida pela recuperação da atividade nacional, mas limitada pelo quadro estadual.

No **cenário inferior** não está descartada a possibilidade da queda na atividade brasileira se intensificar. Para isso, teríamos um agravamento da crise política e fiscal, bem como, a total paralisia do setor público. O desemprego pode surpreender negativamente e a confiança dos consumidores e dos empresários continuará em declínio. O contexto macroeconômico será o mesmo para o RS, com o agravante de que a queda disseminada entre os setores seria intensificada pela retração na atividade nacional.

CENÁRIOS MACROECONÔMICOS PARA 2016

REGIÃO	CENÁRIOS 2016	PIB	Descrição	Superior	
				Indicador	Impacto
INTERNACIONAL	CENÁRIOS 2016	PIB	Aceleração no crescimento impulsionado pelos países desenvolvidos	Inflação	Preços dos produtos manufaturados pressionam moderadamente a taxa de inflação mundial
				Comércio	Crescimento mais intenso da corrente de comércio, mas ainda insuficiente para recuperar as perdas de 2015
				Dólar	Valorização acentuada a partir de um avanço maior do que o esperado na economia dos EUA
			Estabilidade do crescimento mundial, emergentes mantêm ritmo de crescimento	Inflação	Preços dos produtos manufaturados pressionam levemente a taxa de inflação mundial
				Comércio	Leve crescimento da corrente de comércio insuficiente para devolver as perdas de 2015
				Dólar	Valorização moderada a partir da normalização da política monetária dos EUA
			Leve desaceleração do crescimento mundial puxado pelos países emergentes	Inflação	Preços dos produtos manufaturados pressionam levemente a taxa de inflação mundial
				Comércio	Estabilidade da corrente de comércio
				Dólar	Estabilidade em decorrência de surpresas negativas com a economia dos EUA
BRASIL	CENÁRIOS 2016	PIB	Recuperação começa a ocorrer lentamente e atividade fica estagnada	Inflação	Aumentos de preços próximos ao limite de tolerância superior da meta de inflação
				Juros	Taxa SELIC estável com relação a 2015
				Taxa de câmbio	Leve desvalorização
				Mercado de trabalho	Aumento na taxa de desemprego
				Setor externo	Aumento no saldo comercial pelo crescimento das exportações e manutenção das importações
			Recessão permanece na maior parte do ano, mas a retração na atividade é menos intensa	Inflação	Aumentos de preços acima do limite de tolerância superior da meta e abaixo da taxa de 2015
				Juros	Taxa SELIC próxima ao encerramento de 2015, com possibilidade de queda ao longo do ano
				Taxa de câmbio	Desvalorização moderada
				Mercado de trabalho	Aumento na taxa de desemprego
				Setor externo	Aumento no saldo comercial pelo crescimento das exportações e queda nas importações
			Queda na atividade se mantém no mesmo ritmo	Inflação	Aumentos de preços acima da taxa de 2015
				Juros	Taxa SELIC menor que o encerramento de 2015, em dissonância com as expectativas de inflação
				Taxa de câmbio	Desvalorização mais intensa limitada pela intervenção do Banco Central
				Mercado de trabalho	Forte aumento na taxa de desemprego
				Setor externo	Aumento no saldo pelo avanço nas exportações e queda intensa nas importações
RIO GRANDE DO SUL	CENÁRIOS 2016	PIB	Manutenção no ritmo de queda da atividade	Setor Externo	Aumento nas exportações puxado pela indústria e estagnação das importações
				Arrecadação de ICMS	Crescimento na arrecadação estimulado pelo aumento nas alíquotas
				Mercado de Trabalho	Aumento na taxa de desemprego
			Aceleração no ritmo de queda da atividade	Setor Externo	Aumento nas exportações puxado pela indústria e importações em queda
				Arrecadação de ICMS	Leve crescimento estimulado pelo aumento nas alíquotas, mas restrito pela piora na atividade
				Mercado de Trabalho	Aumento na taxa de desemprego
			Queda intensa e disseminada entre os segmentos	Setor Externo	Aumento mais intenso nas exportações e queda forte nas importações
				Arrecadação de ICMS	Leve crescimento estimulado pelo aumento nas alíquotas, mas restrito pela piora na atividade
				Mercado de Trabalho	Forte aumento na taxa de desemprego

INTERNACIONAL

	2013	2014	2015*	2016**
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)				
EUA	1,5	2,4	2,6	2,8
China	7,7	7,3	6,8	6,3
Japão	1,6	-0,1	0,6	1,0
Zona do Euro	-0,3	0,9	1,5	1,6
Europa emergente	2,9	2,8	3,0	3,0
Reino Unido	1,7	3,0	2,5	2,2
Ásia emergente	7,0	6,8	6,5	6,4
América Latina e Caribe	2,9	13,1	-0,3	0,8
Argentina	2,9	0,5	0,4	-0,7
Brasil	2,7	0,1	-3,5	-2,5
Chile	4,3	1,9	2,3	2,5
México	1,4	2,1	2,3	2,8
Mundo	3,3	3,4	3,1	3,6
Inflação (% a.a. - fim de período)				
EUA	1,3	0,6	0,9	1,4
China	2,5	1,5	1,8	1,8
Japão	1,5	2,6	0,1	0,6
Zona do Euro	0,8	-0,2	0,7	1,1
Europa emergente	3,5	3,1	3,6	3,7
Reino Unido	2,1	0,9	0,3	1,7
Ásia emergente	4,5	3,1	3,0	3,2
América Latina e Caribe	7,4	8,2	12,0	10,5
Argentina	10,9	23,9	19,3	26,4
Brasil	5,9	6,4	10,3	8,6
Chile	2,8	4,6	4,2	3,5
México	4,0	4,1	2,6	3,0
Mundo	3,6	3,2	3,6	3,5

Fonte: FMI. Projeções: Brasil - FIERGS/UEE. Demais Países: FMI.

* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

** Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

BRASIL

	2014	2015*	2016**		
			Inferior	Base	Superior
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)					
Agropecuária	0,4	1,2	-0,6	2,0	3,0
Indústria	-1,2	-7,0	-8,2	-3,5	-1,5
Serviços	0,7	-2,6	-2,9	-2,2	-0,3
Total	0,1	-3,5	-4,0	-2,5	0,0
Inflação (% a.a.)					
IGP-M	3,7	8,8	13,2	10,4	7,6
INPC	6,2	10,6	11,0	8,8	6,6
IPCA	6,4	10,3	10,7	8,6	6,5
Produção Física Industrial (% a.a.)					
Extrativa Mineral	6,2	6,1	-0,7	1,1	2,7
Transformação	-4,1	-9,5	-6,8	-5,2	-3,5
Indústria Total¹	-3,1	-7,7	-6,0	-3,6	-2,3
Empregos Gerados – Mercado Formal (em mil pessoas)					
Agropecuária	-0,2	-12,0	-8,8	29,3	44,0
Indústria	-269,2	-1.007,4	-1.029,8	-431,5	-160,3
Indústria de Transformação	-162,8	-541,1	-843,7	-360,9	-114,5
Construção Civil	-109,0	-447,5	-155,2	-54,7	-35,5
Outras	2,6	-18,9	-31,0	-15,9	-10,3
Serviços	689,2	-259,2	-1.033,6	-780,5	-108,4
Total	419,7	-1.278,7	-2.072,2	-1.182,6	-224,7
Setor Externo (US\$ Bilhões)					
Exportações	225,5	193,0	201,1	207,5	211,9
Importações	229,1	177,5	160,5	164,7	172,5
Balança Comercial	-3,6	15,5	40,6	42,8	39,4
Moeda e Juros (% a.a.)					
Juros Nominais – Selic - Final do ano	11,75	14,25	12,75	14,25	15,50
Taxa de Câmbio – Desvalorização (%) ²	13,4	46,6	23,1	12,8	5,1
Taxa de Câmbio – Final do período	2,66	3,90	4,80	4,40	4,10
Setor Público (% do PIB)					
Resultado Primário	-0,6	-1,9	-1,4	-0,3	0,7
Resultado Nominal	-5,6	-8,8	-10,3	-10,0	-10,2
Pagamento de Juros Nominais	-6,2	-10,7	-11,7	-10,4	-9,5
Dívida Líq. do Setor Público – BR	33,1	35,9	45,8	47,2	48,6

¹ Não considera a Construção Civil e o SIUP

² Variação em relação ao final do período anterior

* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

** Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

RIO GRANDE DO SUL

	2014	2015*	2016**		
			Inferior	Base	Superior
Produto Interno Bruto Real (%) a.a.					
Agropecuária	0,6	5,3	-7,1	-4,5	2,4
Indústria	-3,3	-9,1	-6,2	-4,1	-1,6
Serviços	0,9	-1,5	-3,5	-2,2	-0,5
Total	-0,3	-2,8	-4,5	-3,0	-0,5
Empregos Gerados – Mercado Formal (mil pessoas)					
Agropecuária	-0,1	1,0	-5,9	-3,7	2,0
Indústria	-18,8	-69,4	-56,8	-42,6	-17,2
Indústria de Transformação	-18,8	-52,9	-47,4	-38,0	-17,6
Construção Civil	-0,9	-15,9	-9,3	-4,7	-0,6
Outras	0,9	-0,6	0,0	0,0	1,1
Serviços	42,5	-11,0	-84,3	-46,4	-11,0
Total	23,6	-79,5	-147,0	-92,7	-26,1
Balança Comercial (US\$ Bilhões)					
Exportações	18,6	17,3	17,8	18,4	18,8
Industriais	13,8	12,6	13,2	13,5	13,9
Importações	14,9	10,2	8,8	9,1	9,5
Saldo Comercial	3,7	7,1	9,0	9,3	9,3
Setor Público (R\$ Bilhões)					
ICMS	25,9	27,3	30,8	30,9	32,2
Indicadores Industriais					
Faturamento real	-5,4	-11,6	-6,9	-3,6	-1,5
Compras	-11,0	-14,8	-5,1	-2,5	-1,3
Utilização da capacidade instalada	-2,2	-2,3	-2,8	-1,0	-0,2
Massa salarial	1,1	-9,0	-10,8	-8,4	-5,9
Emprego	-1,8	-6,5	-6,3	-3,5	-2,0
Horas trabalhadas na produção	-2,6	-8,6	-5,2	-3,6	-2,4
Índice de Desempenho Industrial - IDI/RS	-4,3	-8,8	-5,1	-3,5	-1,0
Produção Industrial¹ (%) a.a.	-4,3	-11,8	-6,9	-4,2	-1,7

¹ Não considera a Construção Civil e o SIUP

* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

** Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS